



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO PLENA EM HISTÓRIA

**MILEANE DA SILVA ALBUQUERQUE**

**ENTRE CRENDICES POPULARES, FÉ E MITOS: PRÁTICAS  
CULTURAIS VIVENCIADAS E (RE)MEMORADAS NO COTIDIANO  
SOCIAL NORDESTINO**

CAMPINA GRANDE-PB

2014

**MILEANE DA SILVA ALBUQUERQUE**

**ENTRE CRENDICES POPULARES, FÉ E MITOS: PRÁTICAS  
CULTURAIS VIVENCIADAS E (RE)MEMORADAS NO COTIDIANO  
SOCIAL NORDESTINO**

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento as exigências para obtenção do grau de graduada em História.

Orientadora: Profa. Dra. MARIA LINDACI GOMES DE SOUZA

CAMPINA GRANDE- PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A345e Albuquerque, Mileane da Silva  
Entre crendices populares, fé e mitos [manuscrito] : práticas culturais vivenciadas e (re)memoradas no cotidiano social nordestino / Mileane da Silva Albuquerque. - 2014.  
54 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza,  
Departamento de História".

1. Crença Popular 2. Mito Popular 3. Cultura Popular I.  
Título.

21. ed. CDD 398.41

**ENTRE CRENDICES POPULARES, FÉ E MITOS: PRÁTICAS CULTURAIS  
VIVIENCIADAS E (RE)MEMORADAS NO COTIDIANO SOCIAL  
NORDESTINO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento as exigências para obtenção do grau de graduada.

Monografia Aprovada em: 04/12/2014.

Maria Lindaci Gomes de Souza

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza (DH/UEPB)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Matusalém Alves Oliveira

Examinador: Prof. Me. Matusalém Alves de Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Examinador: Prof. Dra. Patrícia Cristina Aragão Araújo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **AGRADECIMENTOS:**

Agradeço a Deus primeiramente por chegar a este momento e a tantas pessoas que percorreram este caminho ao meu lado, assim como agradeço as todas as minhas “abigas”.A minha “abiga” Kenya por me socorrer em todos os meus desesperos tecnológicos com um grande sorriso e nunca se negar a me ajudar por mais que estivesse ocupada, disponibilizando seu tempo e materiais para estudos.

Agradeço a minha “abiga” Taynnã por me ajudar sobre minhas dúvidas em como realizar alguns trabalhos me apoiando e me incentivando. Minha “abiga” Viviane por disponibilizar seu tempo tão corrido para me acompanhar e conseguir entrevistados para conclusão de meu trabalho a qual sem essas entrevistas eu não o concluiria. Não desmerecendo as outras meninas que são minhas “abigas” , Catarina, Damiana, Thayse,também e que fizeram com que eu passasse os melhores anos da minha vida, dentro de todas as diferenças estresses nos unimos e acabados nos tornando um só coração torcendo uma pelo sucesso das outras, se alguém fala que na universidade existe apenas concorrência não nos conhece e não sabe que a melhor amizade encontrou com vocês.

Agradeço a minha amiga Priscila por acreditar em mim. Essa amizade que nós construímos vai se perdurar para sempre, pois, além do presente de concluir a graduação este presente veio dobrado por estar dividindo com todas vocês. Estas meninas fizeram com que minhas manhãs fossem sempre maravilhosas, rimos choramos, brigamos e não conseguiria se não fossem vocês. “Abigas” vocês são a família que meu coração escolheu, amo vocês.

Agradeço a minha mãe pela paciência por tantas a vezes que estive em tempo de um curto circuito de ansiedade e estresse em meus anos de graduação.

Agradeço a minha orientadora professora doutora Maria Lindaci Gomes de Souza que mesmo muito ocupada sempre dava um jeitinho de me acolher e me esclarecer dúvidas me incentivando quando eu mesmo pensava que não ia conseguir sempre com um sorriso me animava e acreditava em meu trabalho,

sem ela não sairia esta monografia. Esta foi mais que uma orientadora, foi uma mãe em seu carinho.

Agradeço aos meus amigos de fora da graduação por me incentivarem me ouvirem e me ajudarem como minha amiga Fabrícia e minha amiga Luciana sempre disposta a me ajudar.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida e deixaram seu conhecimento para mim, estes a quem vejo como espelho por sempre estarem disponíveis mesmo que não estivessem mais em meu convívio diário não se negaram a me auxiliar, muitos são eles mais com carinho especial agradeço a Faustino (nosso malvado favorito), professor Júnior, Josemir Camilo, Adhoniran, Matusalém, e Patricia, professora Lúcia Serafim sempre tão gentil e amável, professor Eduardo Onofre, pelo amado professor Adilson. São muitos aos professores que encontrei na graduação que me serviram como exemplos e não poderia como não agradecer.

Agradeço a professora Patricia por em meio a tantas atividades aceitou estar presente neste momento, sei o quanto seu tempo é curto. Gostaria que todos nós tivéssemos doses homeopáticas de sua energia. Essa mulher me inveja pela sua energia que muitas vezes me deixou até zozona de tão estonteante.

Agradeço ao professor Matusalém por mesmo em meio a tantas atividades aceitar estar presente neste momento, por incentivar nesta reta final com palavras amigas, mais que um coordenador um coração amigo.

Por fim agradeço aos professores Matusalém e Patrícia Aragão por aceitarem participar da banca examinadora deste trabalho, não só lendo meu trabalho como também contribuindo com críticas positivas.

## **RESUMO:**

As práticas relacionadas as crendices e mitos populares, bem como as superstições encontradas na cidade de Campina Grande-PB pode ser considerada como um terreno fértil da permanência das crendices populares entretanto, ainda precisa ser estudada mais a fundo tais permanências destas tradições. Desta forma esse respectivo trabalho se pretende discutir de que forma se dão as práticas relacionadas a apropriações das crendices e mitos populares na sociedade urbana campinense. Nesse sentido buscamos a partir das narrativas de cidadãos residentes da cidade captar tais minúcias. Com autores como Cucho(2002) e Pesavento(2003) abordaremos conceitos de cultura bem como seus desenvolvimentos há História Cultural e como estes proporcionaram um novo olhar sobre as crendices e mitos identificando como se dão as apropriações pela população campinense. Sendo assim identificaremos dados que justifiquem a afirmativa do espaço pouco explorado sobre o tema.

**PALAVRAS – CHAVE:** Cultura popular. Crendices populares. Permanências.

### **ABSTRACT:**

The the beliefs and popular myths related practices and superstitions found in the city of Campina Grande-PB can be considered as a breeding ground of the permanence of popular beliefs however, still needs to be studied more thoroughly such permanence of these traditions. Thus their work that we intend to discuss how to give the practices related to appropriations of beliefs and popular myths in campinense urban society. In this sense we seek from the accounts of residents of the city to capture such authors as minúcias. Com Cucho (2002) and Pesavento (2003) discuss concepts of culture and its developments there is cultural history and how they have provided new insights into the beliefs and myths identifying how to give appropriations by campinense population. Therefore identify data supporting the assertion of unexplored space on the subject.

**KEY - WORDS:** popular.Crendices Culture populares.Permanências.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cágado. Símbolo de crença popular. ....	33
Figura 2: “Comigo ninguém pode”. Planta símbolo de superstições populares. .....	34
Figura 3: Planta Espada de São Jorge.....	35
Figura 4: Arruda. ....	36
Figura 5: Chifre de boi.....	37
Figura 6: Alho pendurado. ....	38
Figura 7: Figa. ....	40
Figura 8: Idade dos entrevistados na pesquisa.....	41
Figura 9: Pessoas que já ouviram falar que bater na madeira afasta algo ruim. .....	42
Figura 10: Pessoas entrevistadas que praticam o ato de bater na madeira para afastar .....	43
Figura 11: Pessoas que já ouviram falar que gato preto traz má sorte. ....	44
Figura 12: Percentual de pessoas que afirmaram conhecer o mito de que a planta comigo-ninguém-pode afasta o mau olhado.....	44
Figura 13: Pessoas entrevistadas que praticam ou não algum rito de passagem.....	45

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
Capítulo 1.	
1.Novas temáticas em perspectivas.....	14
1.1 Abertura histórica: .....	14
1.2 O mito como temática histórica .....	18
Capítulo 2.	
2. Práticas culturais configuradas através da Cultura Nordestina .....	22
2.1 Trajetória histórica: .....	22
Capitulo 3.	
3. Rememoração de mitos na cidade de Campina Grande - PB através da prática oral 28	
3.1 Entre práticas e apropriações: Mitos e ritos campinenses .....	28
3.2 De onde vêm as crendices? .....	29
3.3 Representação quantitativa sobre as crendices populares entre jovens e adultos na cidade de Campina Grande: .....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	48
BIBLIOGRAFIA DIGITAL .....	49
APÊNDICE .....	50

## INTRODUÇÃO

O Nordeste brasileiro sempre foi muito destacado por suas particularidades no que diz respeito a sua preservação pela cultura e a importância que esta exerce. Ainda que exista a pluralidade cultural o repasse das tradições através das gerações é um fato presente na história nordestina.

As crenças populares, os mitos e ritos praticados por nossos avós chegaram ao nosso conhecimento na contemporaneidade por que foram sendo repassadas oralmente. Rituais feitos por brincadeira ou por fé mesmo como bater na madeira para repreender algo mal que se disse, fazer figa diante de uma pessoa invejosa são práticas que nos seguem, ter atenção nas cores das roupas escolhidas para final de ano como fator determinante de como se seguirá o próximo ano são os ritos que nos passam despercebidos mas, que muitas vezes reproduzimos acreditando ou não, assim colocamos a crença em seres inanimados para determinar nossa sorte utilizando-os como amuletos. Através da tradição nesse sentido, consideramos de suma importância darmos visibilidade a essas práticas culturais que fizeram parte do cotidiano social do nordeste e que ainda estão vivas através da memória e das tradições repassadas de geração para geração no nosso cotidiano social e urbanos sendo na nossa identidade.

O motivo a qual me despertou para abordar esse tema foi por perceber em meu meio de convívio, tanto de amigos, pessoas de trabalho e familiares como estas práticas culturais são reproduzidas na contemporaneidade por várias faixas etárias. A presença das superstições nas práticas cotidianas diárias ainda se fazem muito fortes em nosso meio urbano. Passei a infância observando meus pais e avós reproduzirem e muitas vezes mesmo que eu não entendesse o significado tanto antes como na atualidade me pego repetindo estas superstições, consciente ou não assim como me pego observando outras pessoas as reproduzindo.

Destacamos a relevância acadêmica em desenvolver essa pesquisa no sentido de que estaremos contribuindo para sanar um hiato ainda existente entre o cotidiano social rural e a produção acadêmica no que diz respeito ao

conhecimento de certos rituais e superstições que ainda se fazem presentes no Nordeste Brasileiro.

Por outro lado não podemos deixar de enfatizar a relevância social da temática tendo em vista que muitas das práticas consideradas míticas pelo homem urbano nordestino ainda estão presentes mesmo que praticadas escondidas ou ainda que presentes através do inconsciente coletivo atuando no sentido de imprimir em nossas vidas práticas sustentadas por um imaginário popular mítico. Neste sentido através do ethos cultural quer seja nas cidades ou nas áreas rurais no nordeste continuamos as reproduzindo.

Temos como questão pertinente para este trabalho a permanência dos mitos e ritos ainda hoje na atualidade, como estas práticas envolvem o cotidiano no que se refere à região nordeste destacando a cidade de Campina Grande. A permanência da fé no imaginário ainda existentes estão relacionadas com seus conhecimentos repassados por seus pais ou avós e ainda que seja negada a crença em tais práticas a permanência da subjetividade destas no inconsciente ou seja por mais que neguem acreditar a presença do conhecimento mítico está presente no cotidiano destas pessoas mesmo que não os praticando ainda assim conhecem ou reproduzem inconscientemente.

Para sustentar essa pesquisa tivemos como principal objetivo observar a presença dos mitos e ritos nas práticas cotidianas das pessoas e como esta interfere no seu dia a dia. Identificar a monumentalização dos mitos e ritos de passagem de ano como as interferências das cores das roupas na virada de ano e as comidas específicas para a noite de réveillon assim como os mitos relacionados para obtenção de boa sorte através da memória coletiva que estes ritos foram repassados com o auxílio da memória coletiva. Como também objetivos vamos ainda vamos refletir sobre a importância da tradição e da fé enquanto elemento de sustentação e de preservação dos mitos e das superstições na região nordeste.

Para construção metodológica dessa pesquisa estaremos nos fundamentando na pesquisa bibliográfica através de autores que nos permite dialogar com essa temática a exemplo de Câmara Cascudo quando nos

referimos às credences, Maria do Carmo Eulálio nos norteando quanto a o uso da História Oral assim como Durval Muniz discutindo a ideia de Região Nordeste. Tendo em vista que estamos trabalhando com uma temática pouco registrada e trabalhada quanto a especificação dos mitos e sua origem, sobre a explicação do mitos e sua função, estaremos tomando a história oral como fonte norteadora da pesquisa tendo em vista que as narrativas das pessoas serão tomadas como fonte para compreendermos como a oralidade auxilia na perpetuação de mitos e ritos no cotidiano refletindo-os até a atualidade.

Teremos como recorte temporal as pessoas nascidas nas décadas de 70 e 80 em comparativo de como os mitos foram repassados, se ainda são praticados ou não, que faixa etária já ouviu falar, qual destas que ainda reproduzem e as que apenas conhecem. Serão questionadas um total de 34 pessoas na faixa etária de 40, 30 e 20 anos para observarmos em que faixa etária se torna mais forte a reprodução dos ritos e credences.

Para uma melhor compreensão didática nossa pesquisa estará estruturada em quatro capítulos. Capítulo 1, **Novas temáticas em perspectivas** abordará como a abertura histórica proporcionou a possibilidade de se trabalhar uma infinidade de temas entre elas os mitos. No segundo capítulo, **Práticas culturais configuradas através da cultura nordestina**, abriremos a discussão sobre a região Nordeste e sua construção quanto a sua identidade cultural. O terceiro capítulo, **Rememoração de mitos na cidade de Campina Grande através da prática oral**. Neste capítulo será feita uma breve apresentação do contexto social da cidade e abordaremos os mitos e as explicações que estes têm através da narrativa de entrevistados.

## Capítulo I

### **1.Novas temáticas em perspectivas**

A partir de movimentos históricos que proporcionaram rupturas nos foi possível ter acesso a uma infinidade de fontes e novas formas de se fazer História, temas e abrangência do fazer História nos faz poder dialogar com o presente através do passado

#### **1.1 Abertura histórica:**

A cultura pode caracterizar um povo pelas suas práticas singulares, pode definir determinadas regiões e suas diferenças. Neste sentido tanto mundialmente quanto no que diz respeito a cultura brasileira especificamente a Região Nordeste do nosso país por possuir características marcantes quanto as suas particularidades. A mesma no que diz respeito as práticas culturais, adquire uma conotação específica principalmente no que diz respeito a relação entre mitos e cultura. As diversidades no que diz respeito ao aspecto cultural possui uma unidade que em determinados momentos podem interagir através das práticas culturais sustentadas pela forma com que os homens se associam, ainda que a multiplicidade e a forma cultural em que são inseridos como crenças, mitos e ritos que os assemelham. Sobre o conceito de cultura e o que representa o autor Taylor Apud Cucho (2002):

Cultura e civilização, no seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte a moral, o direito, os costumes e as outras especialidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (TAYLOR,1871, p.11).

A cultura está presente no cotidiano do homem ainda que híbrida pela miscigenação, pois, é fato que a cultura é dinâmica e pode estar sujeita as mudanças principalmente no mundo globalizado em que vivemos. Estas mudanças fazem com que elas se resignifiquem, podendo também ao tempo em que se alteram, podem ainda preservar resquícios de sua matriz, por mais que existam intercâmbios culturais, de certa forma existe um isolamento de práticas (Andrade, 2000), e de sua individualidade preservada seja por uma determinada região ou comunidade nela inserida, mesmo que o meio social ou econômico interfiram, as tradições culturais se moldam e se preservam, sejam nas formas novas de cultos religiosos ou de superstições, presente inclusive nas camadas populares onde se tornam mais fortes.

O estudo do homem e sua relação com o meio, assim como a cultura pode ser compreendida através da Antropologia, possibilitando o entendimento da dimensão de cultura a qual associada a Arqueologia proporcionou entender através de símbolos as sociedades antigas. A Antropologia americana fundada por Franz Boas é marcada por seu aspecto culturalista com o foco e o cuidado em estudar o meio em que o homem se insere. Quanto a estas características explicitadas nas palavras do autor Cuche (2002):

A Antropologia americana, em seu esforço constante de interpretação das diferenças culturais entre os grupos humanos vai progressivamente, a partir da década de trinta, orientar-se para um novo caminho. Considerando que o estudo da cultura se fez até então de maneira abstrata demais e que os vínculos que existem entre o indivíduo e sua cultura não foram levados em conta, alguns antropólogos se dedicaram a compreender como os seres humanos incorporam e vivem sua cultura. (CUCHE, 2002, p.75).

A possibilidade de se estudar o homem e sua cultura através da Antropologia só foi possível através da renovação histórica. As várias formas de se fazer História a partir da abrangência de temas para pesquisa se dá pela

facilidade de fontes, essa possibilidade foi proporcionada por uma grande virada há História ocorrida em 1929 com a criação da Escola dos Annales na França com os precursores Febvre e Bloch dividida em três fases tendo como foco por exemplo as mentalidades e a abrangência de temas modificando a forma da pesquisa histórica enquanto possibilidade de fontes.

Esta renovação foi o fato de ter ocorrido uma verdadeira quebra de paradigmas fundamentada pela revista dos Annales destacando em sua primeira fase a quebra com as barreiras de temas imposto ditos como oficiais que enfatizava uma história quase biográfica, estática de fatos passados e determinados pelos documentos. A nova História “abandonou o pressuposto da História partidária, parcial, a serviço de poderes religiosos e políticos, recusando a ideologização do discurso histórico”. (REIS,2004, p.67)Rompendo com esse paradigma podemos destacar que:

Em linhas gerais, esse rompimento com a tradição pode ser descrito assim: abandonou o pressuposto da história produzida pelo sujeito consciente através do Estado- Nação, recusando a história política(...) abandonou o pressuposto do estudo do singular, do específico, do irrepitível recusando o “evento”; abandonou o pressuposto do fim que justifica todo o passado, presente e o futuro, recusando a forma narrativa do discurso histórico; abandonou o pressuposto do sujeito consciência cívica, de si ou de classe (...) irreversível, recusando o evolucionismo progressista ; abandonou o pressuposto da história conhecimento do passado, recusando a “história-museu(REIS,2004,p.67).

Percebe-se nas palavras do autor acima citado que esse rompimento refletiu em toda uma estrutura transformando como se enxergar e escrever a história assim como o papel de seus componentes, trazendo novas propostas e desafios.

A partir dessa renovação nos foi permitido olhar para o presente e buscar respostas no passado para nossas inquietações quanto a problemática que

tentamos esclarecer e investigar em um campo onde “ tudo é história” (VAYNE, 1983).Através dessa libertação o campo histórico pode se relacionar e ser auxiliado por outros campos de pesquisa com o advento da interdisciplinaridade fazendo com que a História não se isolasse contudo, não ficasse dependente e sim complementando campos de pesquisa associando-se da economia, sociologia e da geografia por terem o mesmo “objeto comum” de pesquisa.

Além da interdisciplinaridade a grande virada histórica teve como contribuição em sua terceira geração a participação do historiador Jacques Le Goff (1972), a partir deste evento novos conceitos como o de representação foram inseridos na pesquisa histórica. Sobre o conceito de representação podemos perceber que:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO,2003, p. 39).

Com a queda de conceitos e parâmetros antigos, muda-se a forma de se enxergar, de como são trabalhados, o que dizem sobre si e como se relaciona com o meio o objeto de estudo.

Não só a representação se definiu como novo conceito para este momento vivido pela terceira fase dos Annales ainda muito presente a História das Mentalidades, como também o conceito de imaginário. Muito criticado antes por outras vertentes históricas como por exemplo o evolucionismo e o marxismo por ser considerado a sua ligação com o não real. Devido as mudanças nos paradigmas históricos este conceito foi inserido na pesquisa histórica. Sobre o imaginário nos apropriamos das palavras de Pesavento(2003) quando a mesma afirma que:

O imaginário é composto de um fio terra, que remete às coisas prosaicas ou não, do cotidiano da vida dos homens, mas comporta também utopias e elaborações mentais que figuram ou pensam sobre coisas que, concretamente, não existem. Há um lado do imaginário que se reporta à vida, mas outro que se remete ao sonho, e ambos os lados são construtores do que chamamos de real. (PESAVENTO,2003, p.47).

Podemos assim dizer que o imaginário influencia na forma do homem enxergar a vida cotidiana em sua relação tanto do real como do não real e como pode compor suas ações.

Os novos conceitos introduzidos na pesquisa histórica não aparecem isolados, mas sim em um contexto na nova história conhecida como História Cultural. As reformulações auxiliaram no estudo de temas antes nunca imaginados como é o caso da vida de personagens não considerados históricos, temas como os mitos e sua influência no imaginários destes seres, suas práticas cotidianas de acordo com mitos e crenças e como estas representações são interpretadas por seu meio cultural. O que antes era considerado tema vinculado a Filosofia pode ser estudado hoje na pesquisa histórica.

### **1.2O mito como temática histórica**

“O mito conserva situações que, sem ele, estariam esquecidas. Ele consagrou-se como um meio de buscar a verdade, o sentido e o significado das coisas(…)” (JESUS,2011, p.50). Quando falamos em mitos é fácil associar aos mitos gregos de deuses e deusas do Olimpo, suas personificações e histórias. Conhecemos estas histórias por que foram historicizadas por Heródoto, contudo muitos são os mitos existentes, por vezes mais simples e não envolvendo tais seres mitológicos gregos, e sim específicos da regionalidade em que se está inserido. Muitos são os mitos existentes como também cada mito pode ter várias interpretações de acordo com o local que é difundido assim “alguns tipos de

mitos são encontrados em todas as sociedades, embora funcionem de diferentes maneiras em cada uma delas” (JESUS,2011, p.51) Quanto aos mitos podemos dizer:

(...) mito significa narrativa dos tempos fabulosos ou heroicos, cheia de simbologias, geralmente ligadas à cosmogonia e referente a deuses que encarnam as forças da natureza e os aspectos da condição humana: é a representação de fatos ou personagens reais, modificada pela tradição. (JESUS,2011, p.51).

Como já citado anteriormente, os mitos gregos envolvem seres sobrenaturais utilizados para explicar fatos ou a interferências que estes entes desempenham e a ligação que cada um tem com os fenômenos naturais. Não apenas os mitos gregos tentam a explicação do sobrenatural, mesmo que a religiosidade considere mito como algo não real, se for comprovado bíblicamente pode-se considera-lo como real como por exemplo o mito da criação. De fato a função pedagógica de muitos mitos é justamente a busca pela explicação da fundação da gênese de algo.

Se retomarmos ao mito da criação baseado na Bíblia por exemplo, sabemos que Eva e Adão foram expulsos do paraíso por descumprimento de uma ordem dada e assim comendo o fruto proibido. Como consequência foram expulsos e como punição a partir do ato de desobediência foram obrigados a trabalhar para sobreviverem. A influência que estes entes sobrenaturais desempenham em nossas vidas pode ser interpretada pela consequência dos atos, hoje trabalhamos para nos sustentar e não vivemos no paraíso por uma desobediência.

A simbologia das superstições e mitos vem carregada de causas e consequências, muitas vezes dando a objetos, seres ou animais com características punitivas ou protetoras. Quanto ao sobrenatural Mircea Eliade (1986) Apud Klacwicz explica:

(...) o mito conta uma história sagrada: ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o

tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos os mitos narra como, graças as façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo ele foi produzido e começou a ser. O mito fala do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. (ELIADE,1986, p.11).

Podemos assim dizer como a presença do sobrenatural influencia diretamente nas crenças, no imaginário e na mentalidade das pessoas e na sua forma de agir baseando-se suas ações de acordos com os mitos. “O mito é uma realidade cultural” podemos assim dizer “o mito e sua compreensão está intimamente ligado ligada as formas culturais e que ele é inserido.” (ELIADE,1986, p.11).

As crenças estão ligadas a aceitação do mito enquanto verdade e dos ritos como representação simbólica, uma vez que, os ritos é a forma de revivê-los. Enquanto nos mitos buscamos explicações com o auxílio do sobrenatural através de suas narrativas, as lendas por vezes confundida com o mito, procura de forma pedagógica com seus exemplos de conduta presentes nas suas histórias ou seja, exemplificar ações de heróis para que sejam seguidas. Presente neste mesmo contexto e na crença da eficácia de ações está a superstição que por vezes é caracterizada como crença em coisas ineficazes.

Quanto a forma de propagação das lendas, conhecidas como “conto popular” nas palavras de Reis(1984) Apud Maria Zilda(2007) podemos destacar:

O conto popular cristalizava-se na tradição oral dos povos, atuando como veículos de transmissão de ensinamentos morais, valores éticos ou concepções de mundo, sendo fortalecido na memória consecutivas gerações, a cada noite, a cada serão, espécie de legado passado de pai para filho.” (REIS, 1984, p.12).

A continuidade das tradições acontece no contato destas histórias e depois, sendo repassadas de geração para geração, seja na forma de lenda ou mito com suas diferenças ou semelhanças, nas diversidades de conceitos, entretanto estão presentes na história de um povo, comunidade ou região.

Muitas vezes associamos a ligação entre mito e superstição entretanto apesar de estarem correlacionados e ambos terem como raiz a propagação da oralidade e da narrativa em sua composição e repasse, “a lenda é explicada como narrativa de um fato histórico que foi acrescida da imaginação e fantasia popular, já o mito não derivaria de acontecimentos e tem apelo sobrenatural”. (KLACEWCS,2009). Como já citado os mitos se relacionam com o processo cultural, como no Brasil pela nossa formação e a presença de grande miscigenação é possível intercâmbios e fusão de culturas como também de mitos, ritos e sua ligação com nosso cotidiano.

## Capítulo II

### **2. Práticas culturais configuradas através da Cultura Nordestina**

A região nordeste também se destaca pelo estudo de seu povo, e sua cultura em particular, com os mesmos pressupostos da História cultural e auxílio da Antropologia no que concerne as especificidades deste povo. A caracterização de um povo muitas vezes é apreendida por suas particularidades de gestos, falas, credences, fé e o imaginário social que os compõe, assim é que encaramos o povo nordestino e o fato da conservação de suas tradições. Não diferente do processo em que esteve envolvida a História Cultural o estudo específico da região Nordeste também passou por processos históricos.

#### **2.1 Trajetória histórica:**

A antropologia Nordestina preservando em seus estudos a temática regionalista e a pluralidade cultural mesmo sem perder as raízes, demonstra que o que é folclórico na verdade é a permanência de sua identidade através dos mitos, ritos e superstições locais.

Esse é o aspecto que justifica a nossa pesquisa ao ser inserida na perspectiva da Nova História Cultural tendo em vista que estamos tratando de práticas culturais que são monumentalizadas através da cultura Nordestina endossada principalmente pelos mitos e superstições, fatos marcantes desta cultura e região com foco de pesquisa na cidade de Campina Grande.

A interpretação da cultura Nordestina com o auxílio da Antropologia se faz através da História Cultural e intelectual, sua formação seja pelo imaginário social ou pela memória coletiva trabalhando o imaginário, o que podemos chamar de identidade nordestina, sua forma de linguagem. (ANDRADE,2000), que muitos consideram bem específica por ser bem forte.

As especificidades marcantes que os nordestinos possuem principalmente pela preservação de sua matriz cultural seja pela sociedade ou pelas suas práticas, tornou-se foco de pesquisa e caracterizou novos estudos

voltados para a cultura. A nacionalidade marcante vivida por dado período histórico também foi considerado um marco para florescer tais estudos. (MUNIZ,2013). Voltar o olhar para a Região Nordeste seria voltar a olhar o berço cultural mais fiel.Sobre as características da região nordeste que a singulariza nas Palavras de Durval Muniz:

Quando da emergência da ideia de região nordeste,nos anos 10 do século passado, dois aspectos foram considerados elementos privilegiados de singularização deste espaço, de definição de sua particularidade, de conformação de sua identidade: a sua natureza marcada pela ocorrência de secas periódicas e pela rusticidade da formação da caatinga, pela paisagem sertaneja, árida e rústica; e sua cultura,diferenciada em relação a outras áreas do país, cultura que teria preservado sua autenticidade, que representaria as próprias raízes da cultura brasileira, por não ter influxosdeletérios da imigração estrangeira. Uma cultura que seria a expressão das nossas raízes ibéricas e da mestiçagem cultural entre as contribuições das três raças formadoras da nossa nacionalidade. Cultura que teria na sua melhor expressão nas matérias e formas de expressão populares, nas manifestações culturais das populações rurais ou sertanejas, nos rituais, lendas, contos, poesias, danças, manifestações religiosas, festas, tradições, superstições, na literatura oral (...) (MUNZ,2013, p.39).

A regionalidade e a pouca interferência do estrangeirismo no Nordeste sendo composta pelas culturas lusas, africana e indígena tendo miscigenação e troca cultural a tornou bem específica e tema de estudos, seja pela sua formação, localização geográfica ou costumes acabou por se diferenciar da cultura do Sul do país. (MUNIZ,2013).

Por mais que durante muito tempo a historiografia tenha se preocupado com o lado econômico pelos anos áureos do açúcar, ou por vezes a abordagem pelas grandes secas, seus personagens históricos e lendas

ganharam espaço o que mais a frente possibilitou a emergência de estudos culturais.

A preservação da cultura do povo nordestino por seus costumes, ritos, superstições e festas tradicionais levou a região Nordeste a essa singularidade já citada trazendo a nós um novo termo que caracteriza esses rituais que é a palavra folclore. A caracterização do povo nordestino se distingue das demais, seja pela fala, forma de se expressar, gestos e crenças. Por ser considerado um povo religioso crente principalmente diante das dificuldades que a região proporcionou como as secas fez deste povo mais religioso e que por vezes une o santo e o profano em suas crenças e superstições, lendas muito particulares principalmente no que nos remete a zona rural e como ela trabalha no imaginário e na formação da identidade deste povo. Olhando para este estudo da Região Nordeste Durval Muniz destaca que:

Os estudos folclóricos, os chamados estudos de cultura popular vão traçar justamente, a figura do Nordeste, vão figura-lo no mesmo momento em que figura o que seria sua cultura, os elementos, os signos, as imagens, os eventos, os sons, os gestos, que remeteriam esta identidade regional, que passariam a representa-la: o sertão, o mandacaru, as vozes líricas, os cantos fanhosos, os benditos chorosos, os aboios, as feiras, os cangaceiros, os cantadores, os chefes políticos, aos analfabetos imortais, as assombrações, os camboeiros, os luars, os entardeceres, o choro, o clamor de cegos pedintes, o cicio, o berro, os feirantes, os retirantes, os romeiros (...)(MUNIZ,2013,p.54).

Ainda que existam trocas culturais e que as sociedades mudem pela industrialização ou as pessoas saiam da zona rural para a zona urbana , em sua formação e na sua subjetividade, seja pela vivência ou pelas tradições repassadas pela família, levam consigo no seu imaginário seus conceitos regionais míticos e supersticiosos , repassando-os para o meio em que estão inserido seja natural ou não. As práticas cotidianas envolvidas em superstições ou rituais acompanham a formação do indivíduo podendo ou não acreditar nestas práticas, contudo as reproduzindo por hábito. Existe uma permanência e

continuidades de costumes, sobre isto o historiador e conhecido como folclorista Câmara Cascudo (1987) Apud Joana afirma que:

Nós somos em alta porcentagem, uma continuidade com raras mutações. (p, 10)O folclore sendo uma cultura do povo é uma cultura viva, útil, diária, natural. O folclore é o uso, o emprego imediato, o comum, embora antiquíssimo. As raízes imóveis do passado podem ser evocadas como indagações da antiguidade (...) (CASCUDO, 1987, p.12).

Nessa fala de Cascudo podemos observar que estamos sempre rememorando quer seja através dos antigos gestos, crenças ou tradições que até podemos moldar, entretanto não apagamos, nem excluimos e muito menos substituímos essas práticas culturais o que até podemos fazer é agregá-las a outras práticas.

“A palavra folk-lore teria sido empregada pela primeira vez no dia 22 de agosto de 1986, no jornal londrino Athenanaeum”. (MUNIZ,2013, p.83). De origem estrangeira o termo que para nós se escreve folclore tem a mesma conotação, tendo início o estudo aqui no Brasil no século XX quanto a temática voltada para a região nordeste. (MUNIZ,2013)

A presença de características culturais mais marcantes são observadas com maior intensidade quanto a presença folclórica nas camadas mais populares, entretanto podendo ser resinificadas por outras camadas sociais em outros contextos sociais e culturais. Foram estas particularidades que chamaram a atenção para este estudo da região nordeste.

Histórias repassadas como, contos para crianças sobre lendas regionais que posteriormente serão novamente repassadas, isto é, são características singulares que podem ser exemplificadas através de feiras e gestos regionais. Sendo assim pode-se dizer que a Região Nordeste preserva suas lendas, vivência tradições em festas regionais tudo muito típico e singular. A busca por uma identidade seja na zona rural ou na urbana, faz com que se recriem ou preserve símbolos podendo também adotar novos em formas de se proteger,

para se sentirem pertencentes a um grupo comum em meio a tanta heterogeneidades criando símbolos para se firmar e se reconhecer.

Muitos dos historiadores dedicados ao estudo do folclore ficaram conhecidos como folcloristas, artistas inspirados nas tradições regionais e costumes. (ANDRADE, 2000). Sobre estes historiadores que dedicaram a cultura nordestina seus estudos a autora Maristela Oliveira de Andrade sem seu livro intitulado Cultura e Tradição Nordestina destaca como grandes folcloristas contribuidores para a expansão deste estudo os autores Câmara Cascudo e Gilberto Freire, nas palavras da autora sobre folclore popular e nordestino e esses autores:

Eles voltaram a atenção não apenas para o componente popular da cultura nacional, mas para sua dimensão tradicional, onde se situa o lugar do folclórico, que não teria para eles o caráter residual e fragmentário apontados por alguns como Gramsci, mas representaria aspectos profundos presentes na psicologia de um povo. (ANDRADE, 2002, p.160).

As tradições estão presentes nas comunidades ou grupo social das camadas populares por conservarem sua história e repassando-as seja na forma de costumes práticas, mitos ou ritos, agindo na subjetividade desses grupos, compondo-os. Os historiadores do Folclore Nordestino desempenham a função de conservar em seus estudos a cultura que eles vivenciam e pesquisam.

Partir de uma história nacional para uma história regional, particular é um grande salto para estes historiadores, fazerem com que seus costumes sejam observados enquanto cultura histórica, sair da história da elite para a história popular e em específico em uma região pouco invocada para estudos desta natureza possibilitou a emergência de uma identidade.

O folclorista tende a se apresentar, inclusive, como representante de sua região, como um

defensor de seu espaço, como alguém que através de seu trabalho traz a tona tesouros culturais, as tradições que legitimariam aquele espaço, que demonstrariam a sua importância para a cultura nacional. O folclore regional seria a expressão da particularidade desta área e motivo mesmo de reconhecimento de sua existência autônoma. (MUNIZ,2013, p.52).

O repasse dessas tradições, mitos e superstições na maioria das vezes é possível através da oralidade e por alguém com mais experiência na comunidade, mais idoso que por vezes havia escutado quando era criança.

Através da fala repassando lembranças e histórias entre elas o imaginário e sua cultura proporciona-se a continuidade de mitos e ritos e superstições para os povos sem escrita ou comunidades carentes que não tinham acesso à leitura, até nossos avós mesmo utilizavam-se destas práticas repassando muito de sua ideologia para nossos pais.

## Capítulo III

### **3. Rememoração de mitos na cidade de Campina Grande - PB através da prática oral**

Os mitos não estão ligados apenas à antiguidade e ao povo grego, podemos falar em mitos e superstições também na atualidade na região Nordeste e principalmente a sua reprodução com características muitas vezes adaptadas da antiguidade e mescladas com a cultura local. Mesmo pela caracterização de ser uma cidade Urbana e polo tecnológico as raízes culturais conservadas através da memória demonstra como está presente no imaginário urbano a permanência de mitos e superstições na vida social cotidiana de seus moradores.

#### **3.1 Entre práticas e apropriações: Mitos e ritos campinenses**

Uma das características marcantes quando pretendemos trabalhar as práticas culturais em Campina Grande é que a mesma de forma analógica adquire elementos que fazem parte do panteão dos mitos e ritos que compõem a cultura nordestina. Nesse sentido não podemos iniciar essa temática na discussão a qual estamos identificando mitos e superstições que estão sendo ressignificados que retomam ao cotidiano do homem nordestino sem de alguma forma iniciar apresentando a cidade de Campina Grande a partir de seu contexto histórico.

A cidade de Campina Grande como berço urbano desde seu desenvolvimento possibilitou abrigar múltiplas formas culturais através de seu povo. Sejam nas feiras, na era do algodão, a presença dos tropeiros ou o impacto da modernização trazida pela chegada do trem e suas estradas de ferro sempre abrigou diversas culturas, cada um com seu imaginário carregado em seu inconsciente suas crenças e a fé que é exercida por elas.

A presença das trocas culturais se dá neste contexto pela mobilidade do contato do homem simples com este novo meio, contudo carregado de suas

tradições. O fato da cidade de Campina Grande - PB abrigar tantas heterogeneidades seja pelas grandes secas que assolaram o meio rural proporcionando o êxodo rural enchendo a cidade de conglomerados fundindo imaginários e crenças, fazendo o homem sertanejo conviver com o homem urbano. A reprodução do imaginário do que foi aprendido na zona rural persiste mesmo que existam mudanças e ainda que gerações futuras não partilhem desta crença em seu subconsciente vai estar presente o conhecimento das práticas antigas.

Tendo em vista que a poucos registros sobre as crendices populares e mitos, o uso da oralidade torna-se significativo através das narrativas, uma vez que estamos tomando-as como fonte histórica.

O surgimento do estudo da História oral é datada em meados do século passado sendo considerado o início de tal forma de pesquisa quanto a modernidade em 1948, mesma época em que foi inventado o gravador que é imprescindível nessa forma de se fazer pesquisa (ALBERT, 2005). Esse trabalho tem a possibilidade de dialogar com outros campos de pesquisa como a psicologia, a Antropologia e a própria História, possibilita também outras alternativas de conhecermos o passado, histórias dentro de outras histórias possibilitando novas visões e interpretações.

Não podemos falar em História Oral sem a fundamental participação da memória, ambas estão intimamente ligada, a história oral vai externar a visão ideais e lembranças vividas, a interpretação de acontecimentos de acordo com visões particulares. Podemos dizer que “a memória não é a conservação, mas construção do passado a partir do presente” (Carmo, 2005).

### **3.2 De onde vêm as crendices?**

Dentre tantas as superstições identificaremos as que remetem a proteção contra maus presságios, de sorte ou até mesmo os ritos de passagens de ano. Dentre tantos mitos e manifestação de crendices podemos destacar:

**Quebrar espelho:** Quem nunca ouviu falar que ao quebrar um espelho você teria por vir sete anos de azar? Existe até que não pronuncie esta palavra para não atrair. Podemos dizer que desde a antiguidade e com muitas versões diferentes como todo mito traz, a questão do reflexo da imagem está relacionada as credices. Se levamos em conta a importância do reflexo da própria imagem na Roma antiga por acreditarem que era o reflexo da alma, se algo interrompesse esse reflexo, acreditava-se que a sua alma seria capturada não pertencendo mais ao seu dono, então podemos concluir que se um espelho quebra por ser reproduzidor da imagem a alma ficaria presa nos cacos do espelho por sete anos. A explicação para a duração dos sete anos é por acreditarem ser o ciclo exato da formação de uma nova era. Outra versão é que antes da popularização dos espelhos, por seu alto preço os patrões alertavam seus criados que se tal objeto fosse quebrado eles, os criados, teriam sete anos de azar, esta seria uma forma de amedrontar os criados para que se cumprisse as ordens.

**Bater na madeira:** Para os nativos americanos os deuses moravam em árvores, então com o presságio de algo mal eles batiam nas árvores para acordarem os deuses. Hoje em dia até de forma inconsciente reproduzimos esta credice para afugentar algo de mal que foi dito ou pensado. Segundo o historiador Câmara Cascudo (1976), esse gesto também era reproduzido na Roma antiga do imperador Nero por considerar a mesa sagrada voltada aos deuses. É muito comum esse gesto ser acompanhado da palavra *isola*, que significa repreender maus agouros.

**Comigo ninguém pode:** tanto esta planta quanto a arruda servem de amuletos protetores que servem para repreender o conhecido mau olhado, a inveja. Dizem que a planta absorve as más energias que iriam para algum morador da casa, quando isto acontece é relatado que a planta murcha. Outro amuleto para repreender a inveja seria a figa tanto feita na própria mão pelos dedos como de forma artificial, este símbolo podemos citar segundo Câmara Cascudo oriundo das mãos dos portugueses durante a colonização, contudo também pode ser remetida a Roma antiga.

**Pé de coelho:** Por sua grande fertilidade a simbologia a qual o coelho está inserido esta intimamente ligada a fertilidade e procriação, este objeto é muito utilizado em forma de chaveiro.

**Jogar água para traz:** O gesto de jogar água para traz representa esquecimento de motivos desagradáveis, pois todas as coisas jogadas para traz destinam-se a permanecer no passado (Câmara Cascudo,1976). Podemos ter escutado muito de nossos ou avós que quando tivermos soluções além de credices como levar um susto para esquecer do solução, devemos tomar um pouco de água e jogarmos o resto para traz.

Como já citado muitos são os mitos e muitas vezes nem entendemos nem acreditamos, mas acabamos por reproduzi-los seja por medo da punição caso não seja feito ou apenas por costume, fora os mitos já citados tivemos a oportunidade através da entrevista oral dialogar com outros mitos.

Para enriquecer a nossa pesquisa sobre credices populares fizemos a seguinte pergunta para a entrevistada a professora e mestra em linguagem e ensino pela Universidade Federal de Campina Grande – PB,Cátia Celi, de 49 anos, residente na cidade de Campina Grande,você se lembra de alguma superstição que aprendeu no convívio familiar?

Lembro-me de muitas, aliás, eu gostaria de focar o seguinte, o mito a superstição, a lenda é constitutiva do psique e não é descartado o que acontece muitas vezes é que ele atrapalha a ciência em alguns casos...lembro da minha mãe usando várias superstições, por exemplo, na... quando chovia que caia raios cubria quadros e os espelhos com um pano e veja que a ciência já diz que o material iso...que não é isolante ele atraio raio então não é tão supersticioso assim. (Cátia Celi, 2014).

Podemos perceber pela fala da entrevistada como a crença no mito pode se apoiar na ciência para se fazer eficaz.

Quando questionada sobre as práticas reproduzidas em sua vida quando era mais nova e que sua mãe aprendeu e repassou Cátia Celi relembra e defende a eficácia do mito:

Inclusive a própria, o próprio momento da menstruação nós éramos impedidas de andar descalça, tomar banho lavar o cabelo e comer determinado alimento e realmente a ciência prova que muitas vezes o que o corpo ta perdendo nutrientes na menstr...menstruação, então comer determinados elementos vai prejudicar então mais uma vez a superstição não é tão perdida assim (CELL, 2014).

Quando indagamos se as práticas supersticiosas aprendidas e rememoradas estão presentes em sua vida ela responde:

Inconscientemente não há como fugir por exemplo ,bolsa no chão, eu ponho minha bolsa no chão, as vezes eu vou a um banheiro,não tenho onde pendurar eu boto a bolsa no chão e tenho aquele cuidado de traze-la ao colo por que segundo dizem que a gente perde dinheiro (CELL, 2014).

Quando a questionamos se ela conhece as superstições de proteção ela relata a crença vivenciada pelos pais:

Superstição de proteção eu vejo que, eu vejo assim, superstição de proteção, as superstições tem muito de proteção e de atração né? ... plantar pega pinto no jardim pra evitar do ladrão entrar , também eu via muito meu pai dizer isso,em casa que tem cagado ou jabuti como diz em outro cantotambém não entra ladrão e na minha casa tinha então a gente se criou ouvindo e vendo e nunca no caso a casa da gente foi assaltada, então de repente você termina associando a coincidência ao mito” (CELL, 2014).

Na atualidade é muito comum encontrarmos nas casas de pessoas de um tempo mais antigo, ou até mesmo de pessoas que foram criados por

famílias supersticiosas um cágado (figura 1) como animal de estimação, e os motivos se assemelham ao da entrevistada Celi (2014).

Figura 1: **Cágado. Símbolo de crença popular.**



Fonte: Arquivo pessoal.

A permanência das crendices no imaginário aprendido através do contato familiar permanece nas ações e nas práticas cotidianas de quem as conhece. A segunda entrevistada é a senhora Jacileide, doméstica de 43 anos, natural de Teixeira e residente em Campina Grande – PB, sobre o conhecimento e práticas supersticiosas elas fala, ao abordarmos sobre o conhecimento de crendices para proteção afirma que:

Usavam comigo ninguém pode, inclusive minha mãe uma vez ela tinha um pé de...desse ai né? Ai uma mulher chegou lá em casa e achou bonito... ela disse...nossa, a mulher tinha um olho tão mal que o pé de planta no outro dia amanheceu mucho (JACILEIDE, 2014).

Plantas são comumente associadas a superstições de proteção como no caso da citada pela entrevistada, as conhecidas como “comigo ninguém pode”

(figura 2), bem como a conhecida por “São Jorge” (figura 3) e a própria arruda (figura 4).

Figura 2: “Comigo ninguém pode”. Planta símbolo de superstições populares.



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao contrario do que se possa imaginar, as plantas não são utilizadas em casa apenas por sua beleza ou por motivos decorativos, mas também por suas características protetoras segundo as crenças populares.

Figura 3: **Planta Espada de São Jorge.**



Fonte: Arquivo pessoal.

Em Campina Grande - PB são comuns às lendas e crendices relacionadas às plantas. São varias as plantas que vem contribuindo para a perpetuação de geração em geração de certas superstições. Entre as mais curiosas está a de que certas pessoas são capazes de fazer mal às plantas e a outras pessoas. São portadoras do temido "mau-olhado".

Figura 4: **Arruda.**

Fonte: Arquivo pessoal.

Relembrando sobre as práticas de proteção Jacileide citou:

chifre de boi,dexa secar principalmente aquelas pessoas que tem bar,ainda hoje elas seguem a tradição... Coloca o chifre de boi... Ainda coloca o chifre de boi pendurado mermo de frente na parede e coloca um galho de arruda pra evitar mau olhado (JACILEIDE, 2014).

Conforme os símbolos de superstição citados pela entrevista, o chifre de boi (figura 5) também pode ser encontrado comumente em sítios na zona rural pendurados nos cercados dos animais. O mesmo acontece com o alho (figura 6).

Figura 5: Chifre de boi.



Fonte: Arquivo pessoal.

Ainda sobre as superstições que aprendeu quando criança e até hoje segue mesmo não morando mais na sua cidade Jacileide fala:

(...) Num pode cortar unha a noite né? Que faz mal e varrer a casa eu não faço, isso ai eu ainda num faço, eu sigo a tradição de não varrer a casa de noite... e ... uma vez eu tava no hospital da FAP e uma senhora tava comentando, uma senhora dum sitio, la. A gente morava, sempre morou na rua,mar minha mãe sempre tinha essas coisas, mas tinha uma mulher la falando que tinha varrido

a casa a noite , ela disse que... Eu num sei por que eu varri a casa mas, de repente ela disse que foi assim,o esposo dela tinha saído e ai ela disse aconteceu um acidente com ele, e ela acha que por conta disso, por que atrasa muito. (JACILEIDE, 2014).

Figura 6: **Alho pendurado.**



Fonte: Arquivo pessoal.

A Entrevistada relembra práticas repassadas por seu pai e mesmo sem seu entendimento as reproduziu com seus filhos crendo na eficácia da superstição:

Outra superstição também que eu acredito , essa daí, graças a Deus que quando pai, quando Deus levou meu pai,eu já tinha meus filho e ele sempre acompanhava, num acompanhava o nascimento, mas sempre tava aqui comigo,sempre eu chegava o bebê do hospital pai já mandava minha mãe preparar um chazinho de limão,ele mandava preparar um chazinho de limão...ai uma vez eu fiquei curiosa né? Pra dar a rescem nascido chá de limão pai? Ele dizia ... é sim, tem que dá, aí eu dava, minha mãe dava o chá de limão né ... aí ela dizia ...é pra evitar que da aquelas convulsões em criança, assim que chegava em casa, dava chazinho de limão pra evitar,pra você ve ,por incrível que pareça ,superstição ou não,esses meus dois filho ,mais velho eles tiveram febre quase quarenta graus de febre e não deu (JACILEIDE, 2014).

Ainda falando sobre as crendices que envolve proteção e sobre como elas agiram em sua vida cotidiana Jacileide diz:

em gente que tem um olho tão mal que se ela olhar pa criança , a criança já começa a passar mal e minha filha , eu tenho experiência própria que minha filha quando era bebê , que eu cheguei lá,levei ela pra o Sertão ,ai uma mulher olhou ela, ai disse...menina que menina linda,,menina ela é linda ,linda,linda...ela quando simplesmente quando ela chegou em casa , ela botou pa passar mau (JACILEIDE, 2014).

Outros objetos comuns de se encontrar nas casas da população mais antiga residente de Campina Grande – PB é a “figa” (figura 7).

Figura 7: Figa.



Fonte: Site Ateliê, Casa e Presentes<sup>1</sup>.

Ainda sobre a permanência das crendices populares nas práticas e imaginário a terceira entrevistada de 31 anos natural de Barra de Santa Rosa, residente em Campina Grande relata sobre suas lembranças das crenças diz:

mãe matou uma galinha aí a gente ficou com pena e ela saiu pulando, pulou a porta e foi pa o lado de fora sem cabeça ,arrancou a cabeça dela e ela saiu sem cabeça por que eu fiquei com pena chorando pa ela num matar a galinha ,ai a galinha saiu pulando fia ,caiu la no meio do terrero, ai isso eu acredito por que vi. (M. R. A, 2014).

Além das crendices e superstições populares contra olho gordo, de proteção e repreensão as superstições de passagem de final de ano são as que são mais alimentadas no imaginário popular principalmente com o auxílio da mídia e o investimento do comércio em propaganda sobre alimentos e cores

---

<sup>1</sup>Disponível em: <<http://ateliecasapresentes.blogspot.com.br/2012/10/crendices-populares-brasileiras.html>> Acesso em nov. 2014.

de roupas específicas para atender desejos de prosperidade para o ano que se inicia.

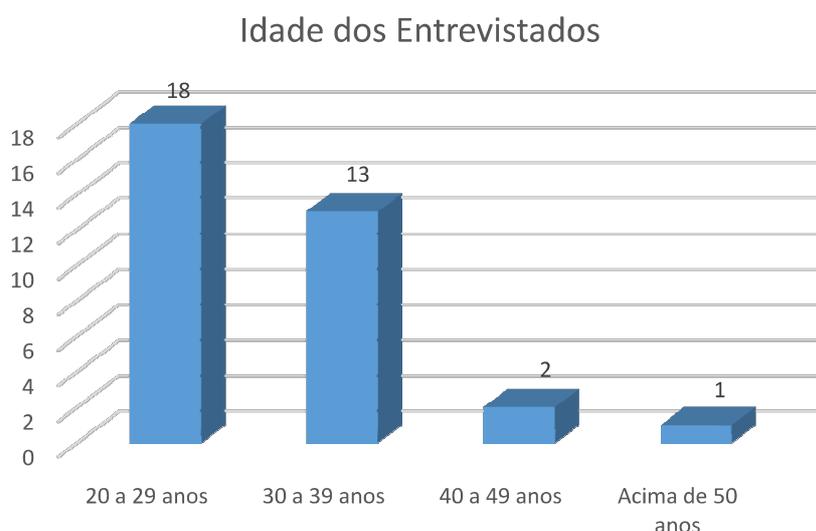
A simbologia das roupas vem com a cor determinante de pedidos e sempre tem que ser uma peça nova. As cores como o branco que traz a simbologia da paz, o vermelho que remete ao desejo de paixão, o rosa que significa pedido de um amor, o amarelo remete o desejo de prosperidade financeira e nunca jamais utilizar o preto por ser associado ao luto e más vibrações. A naturalização destes mitos se inserem no imaginário entretanto em uma data específica enquanto se manifesta no final do ano as demais credences fazem parte do dia a dia das pessoas e de suas práticas cotidianas que para algumas pessoas chegam a definir seus caminhos.

### **3.3 Representação quantitativa sobre as credences populares entre jovens e adultos na cidade de Campina Grande:**

Foram entrevistadas 34 pessoas no período de 20 de setembro a 17 de outubro de 2014, na cidade de Campina Grande-PB.

Entre os entrevistados a idade variou de 20 a 53 anos, conforme mostra a Figura 8.

Figura 8: **Idade dos entrevistados na pesquisa.**



Todos os 34 entrevistados já ouviram falar em alguma crendice popular ou ritual.

Entre os que já ouviram falar que bater na madeira afasta algo ruim, 32 pessoas disseram que sim e apenas duas disseram que não, como mostra a Figura 9.

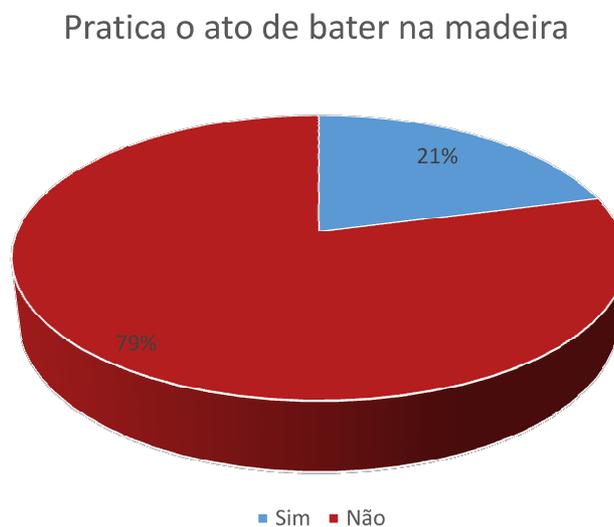
Figura 9: **Pessoas que já ouviram falar que bater na madeira afasta algo ruim.**

Ouviu falar em bater na madeira para afastar algo ruim



Apenas sete pessoas afirmaram que praticam o ato de bater na madeira para afastar algo ruim e 27 mencionaram não praticar, como aponta a Figura 10.

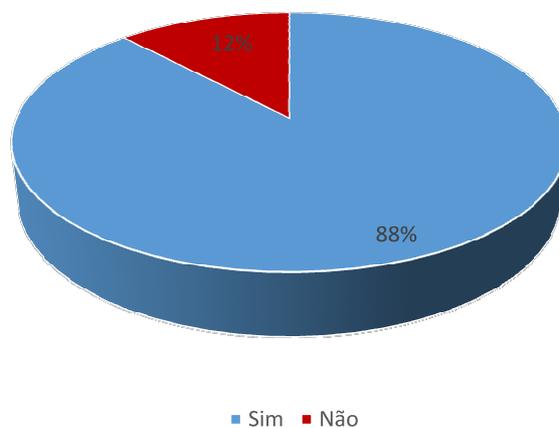
Figura 10: **Pessoas entrevistadas que praticam o ato de bater na madeira para afastar algo ruim.**



Trinta pessoas afirmaram conhecer a crendice que afirma que gato preto traz má sorte, quatro pessoas desconhecem. O percentual de entrevistados que responderam esse questionamento encontra-se na Figura 11.

Figura 11: **Pessoas que já ouviram falar que gato preto traz má sorte.**

Ouviu falar que gato preto traz má sorte



Entre os entrevistados, 18 mencionaram que sabem da informação de que a planta comigo-ninguém-pode tem o poder de afastar mau olhado, enquanto 16 afirmaram não saber de tal informação (Figura 12).

Figura 12: **Percentual de pessoas que afirmaram conhecer o mito de que a planta comigo-ninguém-pode afasta o mau olhado.**

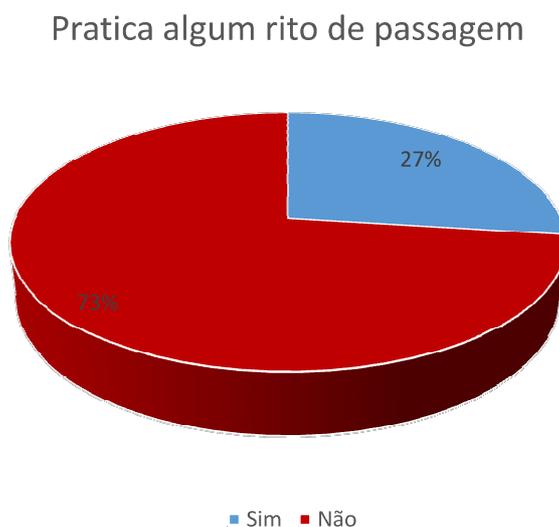
Ouviu falar que a planta comigo-ninguém-pode afasta mau olhado



Metade das pessoas entrevistadas afirmaram praticar alguns desses atos, e a outra metade dos entrevistados afirmou não praticar.

Entre os que praticam algum rito de passagem, apenas nove pessoas afirmaram praticar, enquanto que 25 pessoas não praticam (Figura 13).

Figura 13: **Pessoas entrevistadas que praticam ou não algum rito de passagem.**



Todos os entrevistados mencionaram conhecer o significado de paz para os que utilizam roupas brancas como rito de passagem, embora nem todos pratiquem o ato.

Muito reproduzido nas festas de final de ano práticas supersticiosas quanto as vestimentas vem carregadas de simbologias para a recepção do próximo ano. De acordo com as crendices tais práticas definirão como irá transcorrer o próximo ano entre estas estão quanto as vestimentas estão:

**Roupa branca:** atrativo de paz;

**Roupa vermelha:** atrativo de novas paixões;

**Roupa amarela:** atrativo de fortuna, dinheiro;

**Roupa rosa:** atrativo de amor duradouro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho nos propomos a discutir os mitos, credices e superstições no contexto da cidade de Campina Grande – PB e de que forma as práticas relacionadas a estas ainda são presentes na vida cotidiana das pessoas da cidade. Nos propomos a princípio a analisar de que forma a escola dos annales proporcionou o estudo sobre os mitos o que contribuiu de forma positiva na construção desse trabalho.

Propomo-nos desta forma a fazer uma genealogia de como no Brasil, bem como no nordeste, tais mitos tiveram sua disseminação e consequente influencia na população, assim, também influenciando a população de Campina Grande – PB tentamos assim, fazer uma prospecção de como se iniciou o processo de mistificação da sociedade campinense.

Para falar de tais credices e superstições abordamos os mesmos a partir do viés da hibridação e da miscigenação, pois estas contribuem para as adaptações e mutações de acordo com a localidade apresentada, provocando práticas e hábitos cotidianos tendo em vista que muitas pessoas reproduzem as superstições sem uma explicação de onde vem e até mesmo que ligação os amuletos tem com as credices, por vezes reproduzimos as credices oriundas da Europa por nossa formação enquanto colônia sem percebermos ou termos o conhecimento.

Por mais que muitas pessoas neguem acreditar o conhecimento das superstições ou até a zombaria, o fato de reproduzi-las em meio a uma brincadeira, demonstra como o viés cultural de fé é marcante pois, os ritos e mitos persistem vivos no imaginário mesmo na atualidade cheia de recursos tecnológicos. Em meio a tantas mudanças o subconsciente preserva a matriz sertaneja de tempos passados.

A marcante regionalidade a que tanto discutimos é rememorada pelo fato que deas permanências destas credices no imaginário urbano na cidade de Campina Grande ainda estão presentes na atualidade. Percebemos através das entrevistas e dos questionários aplicados que a permanência das credices na atualidade ainda são muito forte no imaginário principalmente em suas reproduções quanto as pessoas mais jovens. Mesmo que muitos a

princípio negassem tais crenças e práticas percebemos que ao longo das conversas iam se revelando que estas credences e as reproduções estão presentes principalmente entre as pessoas na faixa etária dos 20 a 29 anos.

Por fim, cumprimos todos os objetivos que propusemos, uma vez que procuramos mostrar a preservação da cultura nordestina representada nas práticas ritualísticas das credences refletida no imaginário urbano social campinense.

Este trabalho foi muito importante para o nosso aprofundamento deste tema, visto que o mesmo permitiu-nos conhecer melhor e compreender como se dão as práticas culturais quanto a credences populares e sua rememoração através da reprodução dos mitos e credences.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALBERT, Verena. **Histórias dentro da História**. São Paulo: Contexto, 2005

ALIADÉ, Mircea. **Mito e realidade**. Ed. Perspectiva. 2 ed. 1986.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. **Cultura e tradição nordestina: ensaios de história cultural e intelectual**. Maristela Oliveira de Andrade. João Pessoa- ed. Manufatura. 2000.

BRANDÃO, Helena Nagamine: **Mito e Tradição indígena** in: Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez, 2011.

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História dos nossos gestos**. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

CONSUELO, Dulce Andreatta. (Orgs). **Oralidade e subjetividade: meandros infinitos da memória**. Campina Grande: EDUEPB, 2005.

DURVAL, Muniz Júnior de Albuquerque. **A Feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular**. São Paulo: Intermeios, 2013.

MEYHE, José Sebe Bom. **História Oral, como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

REIS, José Carlos: Escola dos Annales, **A inovação em História**. 2 edição, Paz e Terra, 2004.

PATAI, Raphael. **O Mito e o homem moderno**. São Paulo : Cultrix, 1976

PINZY, Carla Bassanezi. (Orgs). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

## BIBLIOGRAFIA DIGITAL

História e Cultura. **Roteiros e descobrimentos.** Disponível em:  
<[www.historiaecultura.pro.br](http://www.historiaecultura.pro.br)> Acesso em nov. 2014.

Consultório de Astrologia. Crendices populares: **A realidade por traz da  
superstição**

Disponível em:

<<http://consultoriodeastrologia.blogs.sapo.com.br>> Acesso em nov. 2014.

# APÊNDICE

**ROTEIRO DA ENTREVISTA****PERGUNTAS REFERENTES À ENTREVISTA ORAL:**

**Qual seu nome completo?**

**Qual sua idade e local de nascimento?**

**Qual a sua profissão?**

**Vocêse lembre de alguma superstição? Qual?**

**Você adquiriu esse conhecimento através do convívio familiar?**

**Você vivenciou a eficácia de alguma dessas crenças populares?**

**Que amuletos você já ouviu falar de proteção contra algo de mal? Já utilizou algum?**

**Você acredita e ainda reproduz algumas dessas práticas culturais?**

**TÍTULO: Entre credices populares, fé e mitos: Práticas culturais vivenciadas e (re)memoradas no cotidiano social Nordeste.**

**NOME:**

<b>SEXO:</b>	<input type="checkbox"/> F	<input type="checkbox"/> M	
<b>IDADE:</b>			
<b>ESCOLARIDADE:</b>	Ensino Fundamental. <input type="checkbox"/> Completo <input type="checkbox"/> Cursando	Ensino Médio. <input type="checkbox"/> Completo <input type="checkbox"/> Cursando	Ensino Superior. ( <input type="checkbox"/> Completo <input type="checkbox"/> Cursando
Cidade de domicílio:			
Onde passou a maior parte da vida	<input type="checkbox"/> zona rural	<input type="checkbox"/> zona urbana	
A respeito de credices populares já ouviu falar de algo?	<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não	
Sobre qual das credices e superstições abaixo já ouviu falar?			
Bater na madeira para repreender algo ruim	<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não	
Animais que trazem má sorte	<input type="checkbox"/> gato preto	<input type="checkbox"/> galinha preta	<input type="checkbox"/> outro
Quebrar espelho	<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não	
Fazer figa ou cruzar os dedos	<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não	
Utiliza amuletos para repreender mau olhado?	<input type="checkbox"/> pimenta	<input type="checkbox"/> figa	
Planta que absorve e	<input type="checkbox"/> arruda	<input type="checkbox"/> espada de são	<input type="checkbox"/> comigo

repreende mau olhado		Jorge	ninguém pode
Objetos que atraem boa sorte	<input type="checkbox"/> Pé de coelho	<input type="checkbox"/> ferradura	<input type="checkbox"/> trevo de quatro folhas
	<input type="checkbox"/> Quebrar espelho	<input type="checkbox"/> Cobrir espelhos	<input type="checkbox"/> Desvirar sandália emborcado
Pratica alguma dessas crendices? Quais?			
Você obteve conhecimentos destas crendices através de convívio familiar?	<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não	
Você possui alguma superstição de passagem? Qual?			
Conhece alguma das listadas abaixo?	<input type="checkbox"/> Chupar sete uvas	<input type="checkbox"/> Guardar caroço de romã	<input type="checkbox"/> Lentilha para a virada de ano
	A cor da roupa identifica e atrai os desejos para o próximo ano <input type="checkbox"/>		
Você conhece o significado? Qual é?			
Você acredita? Pratica alguma?			

1. EM RELAÇÃO ÀS CRENDICES E SUPERTIÇÕES, QUAIS AS QUE VOCÊ CONHECE E EM QUE SENTIDO ELAS AFETAM SUAS PRÁTICAS COTIDIANA?

2. COMO VOCÊ OBTIVE CONHECIMENTO SOBRE AS CRENDICES E SUPERTIÇÕES POPULARES?

3. HÁ QUANTO TEMPO CONHECE E COM QUAL INTERESSE VOCÊ UTILIZA CRENDICES E SUPERTIÇÕES NO SEU COTIDIANO?

4. O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A EXISTENCIA DAS CRENDICES E SUPERTIÇÕES NA CULTURA POPULAR?